

Um mutirão no Hospital de Base atende 65 pessoas que tinham perdido a visão por causa da catarata

Fotos: André Corrêa



Na operação de catarata, o médico retira o cristalino do paciente, já escurecido pela doença e o substitui por uma lente de acrílico. Um dia depois da cirurgia, o doente volta a enxergar

FIM DA ESCURIDÃO

Socorro Ramalho
Da equipe do **Correio**

O sonho de 65 pessoas, a maioria idosas, foi realizado por uma equipe de médicos do Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF). Eles devolveram a visão a pacientes que sofriam de catarata, durante a II Maratona de Catarata realizada nesse fim de semana.

Uma equipe médica composta por cerca de 50 profissionais (entre enfermeiros, médicos residentes e pessoal de apoio) coordenados pelo oftalmologista Flávio Roberto Alves Teixeira, chefe da unidade de Oftalmologia do HBDF, atendeu, só no sábado, 40 doentes e mais 25 ontem. “Da lista de espera de pacientes com catarata aguardando cirurgia, conseguimos atender uns 60 por cento do total”, comemora o coordenador da maratona, Flávio Teixeira.

Segundo o oftalmologista, o mutirão não altera a rotina de atendimentos no Hospital e ajuda a diminuir a enorme lista de espera que existe para a área de Oftalmologia. “Só temos vagas para final de 1998, ou começo de 1999”, revela o oftalmologista Ricardo Castanheira de Carvalho, que integrou a equipe da maratona.

Mas o aumento na demanda também acontece, segundo Flávio Teixeira, porque há muitos pacientes de fora de Brasília. “Não temos pre-

visão ainda se realizaremos outra maratona este ano, porque engloba um trabalho muito grande de equipe — nós a realizamos porque tem havido uma demanda grande de pacientes e se fôssemos atendê-los no dia-a-dia, ia demorar muito mais”, esclarece.

CRITÉRIOS

Para recuperar a visão, os 65 pacientes que sofriam com a catarata senil (adquirida com o tempo) passaram por uma seleção. “Demos preferência a pacientes com catarata nos dois olhos, de baixo poder aquisitivo, de outros estados e conforme o estado de saúde geral. Por exemplo, descartamos logo pacientes com asma, glaucoma e diabetes, porque exigem cuidados específicos especiais que não podemos oferecer no esquema de maratona”, informa Flávio Teixeira.

O processo seletivo aconteceu no começo do ano e um ou dois meses depois a maioria dos pacientes havia feito os exames pré-operatórios. “Quem não foi beneficiado agora será até o final deste ano”, garante o doutor Flávio, e completa: “No mutirão, precisamos trabalhar em conjunto com profissionais da Cardiologia, Radiologia e do Laboratório de Análises Clínicas”.

Segundo Ricardo de Carvalho, até mesmo os colírios que o paciente usa após a cirurgia são gratuitos. “Uma cirurgia dessas, fora da rede pública, ficaria em torno de R\$ 3 mil”, revela. O oftalmologista também faz questão de destacar que somente pacientes com catarata senil foram tratados nesta maratona, com exceção de um, de 28 anos. “Os mais velhos tinham 86 anos e o mais novo 28”. O médico destacou ainda que o HBDF bancou toda a cirurgia.

Segundo o coordenador da maratona, a cirurgia de catarata é complexa, mas com as técnicas modernas, agora a operação é de rápida realização e raramente produz complicações. “A anestesia é local e logo



Valdemar Frausino Pereira (à dir.): “Agora meu problema está resolvido”

depois da cirurgia o paciente vai para casa. Um dia depois retira o curativo e já começa a enxergar. Mas, somente depois de 30 dias e com ajuda de um óculos, o paciente recupera a visão completa”.

Muita gente confunde catarata com pterígeo (espécie de membrana que recobre o olho e também tira a visão do doente). Mas a catarata atinge a parte interna do olho, o cristalino. Por isso, quando é feita a cirurgia, o médico retira o cristalino, já escurecido pela doença, e coloca outro artificial no lugar — uma lente de acrílico, que hoje custa cerca de R\$ 150 a 180.

“Antigamente, há uns 17 anos, retirava-se o cristalino do paciente e não era colocado nada no lugar. O paciente então, tinha que usar um óculos com cerca 10 a 18 graus positivos (com se tivesse hipermetropia

— sem enxergar bem de perto)”, explica Ricardo de Carvalho.

LUZ

Quem aguardava na recepção para operar um dos olhos (a cirurgia só foi feita em um dos olhos) estava ansioso e com medo, como é normal em qualquer paciente que está prestes a ser operado. Mas a expectativa de poder enxergar novamente era maior. A dona-de-casa Teresa Mendes, de 49 anos, aguardava o término da cirurgia da tia Flaviana Cordeiro, de 70 anos, moradora de São Francisco (interior de Minas Gerais).

“Lá, a cidade é pequena e não tem muitos recursos”, revelou, certa de que agora a tia poderá enxergar normalmente. O aposentado Onofre Gonçalves de Lima, de 68

anos, esperava a vez de ser operado ontem. Um pouco ansioso, disse que não aguardou muito para conseguir a cirurgia. É morador do Distrito Federal e ficou seis meses na lista de espera.

Mais feliz ainda estava quem aguardava a hora de retirar o tampão (curativo) que é colocado no olho logo após a cirurgia, como dona Petronila Sousa Dias, de 77 anos, moradora do Jardim Ingá, perto de Luziânia. “Há muito tempo minha vista foi encurtando. Eu trabalhava na roça e aos poucos não via mais nada. Agora, só estou esperando para enxergar”, revelou.

A mesma sensação tinha o aposentado Luiz Gonzaga Maia, de 82 anos, que veio do Ceará em fevereiro deste ano, trazido pela filha Deuziúta Maria Feitosa. “Estou confiante de que agora vou enxergar e estou doido para ver minha mulher e meus outros filhos no Ceará”. Ele assim como os demais pacientes elogiaram o tratamento dispensado pela equipe médica do HBDF durante a cirurgia.

Orozimbo Eugênio da Silva, de 74 anos, esperou mais. Um ano e alguns meses depois, estava ontem aguardando para retirar o tampão. “Tenho certeza de que vou enxergar bem”, revelou. A filha, Maria Aparecida Eugênio, costureira, disse que a família não tinha condições de bancar a cirurgia do pai. “Foi até difícil conseguir pagar o único exame cobrado, no valor de R\$ 60, que não podia ser feito aqui no HBDF”, explicou.

Waldemar Frausino Pereira, de 78 anos, era soldador quando mais novo, nunca usou óculos de proteção no trabalho, mas logo depois teve que usar nove óculos receitados por farmacêuticos. Acabou com catarata. “Com fé em Deus, agora meu problema está resolvido”, acredita.

SERVIÇO

Unidade de Oftalmologia do Hospital de Base
— fone: 325-4517